

Aposta em juro de 20%

Foto: Eraldo Senna

CRISTINA BORGES

A maxidesvalorização de 21,01% do real em relação ao dólar, nos dois últimos dias, foi excepcionalmente bem recebida pelos mercados financeiros doméstico e internacional. As expectativas são de que os juros caiam, podendo chegar a menos de 20% em abril.

A alta recorde das bolsas brasileiras e a recuperação dos papéis da dívida externa funcionaram como uma trégua em meio ao tiroteio disparado contra o Brasil há um ano e meio, suspendendo a carga mais pesada do bombardeio dos últimos dias. Mas ainda está longe um céu de brigadeiro para que a economia brasileira retome o crescimento e a estabilidade da moeda esteja garantida, afirmam economistas.

"Agora, mais que nunca, o país está dependente da votação do Congresso das duas medidas finais para o ajuste fiscal e da regulamentação das reformas administrativa, previdenciária, do trabalho e da bendita reforma fiscal", diz o professor Edmar Bacha, diretor do BBA Securities, em Nova York, e um dos "pais" do Plano Real. Ele adverte que o apoio político e a oportunidade criada para a retomada do desenvolvimento exigem, acima de tudo, uma mudança na condução da política geral do país, além do rumo correto na política econômica.

Espada – Na avaliação de Francisco Gros, presidente do banco Morgan Stanley do Brasil, a flutuação livre do câmbio "retirou a espada que pesava sobre o Brasil", eliminando um grave fator de incerteza. Ele reforça que é vital a continuidade do ajuste fiscal e das reformas constitucionais. Os ajustes que estão sendo feitos, acrescentou, foram eclipsados pela dimensão que assumiu a discussão sobre o câmbio.

A moratória de Minas Gerais, prosseguiu Gros, nunca foi motivo para agravar a crise brasileira, apenas realçou a fragilidade do equilíbrio cambial. A reação extremamente positiva da comunidade financeira internacional, a seu ver, decorreu da decisão do governo de finalmente usar instrumentos para retirar as incertezas sobre o câmbio. "O Plano Real saiu fortalecido, o que não quer dizer que terminaram os avanços e recuos do processo de estabilização", ressaltou Gros. A grande expectativa

recai sobre as decisões que o Banco Central anuncia nesta segunda-feira. Sérgio Werlang, diretor do Banco BBM, torce para que o presidente do BC, Francisco Lopes, não altere o regime cambial adotado ontem, sem intervenção da autoridade. "O resultado foi muito positivo, mostrando que a estratégia é correta. O importante é que não houve explosão nas cotações do dólar, que chegaram a bater R\$ 1,60 para recuarem a R\$ 1,465. Quem quiser tirar dinheiro do país, a partir de agora, vai pagar mais caro", disse Werlang.

O presidente do Banco Liberal/Nations, Antônio Carlos Lemgruber, afirma que o câmbio flutuante elimina a hipótese de um ataque especulativo ao real. Ele identifica um novo problema: a inflação volta a ser basicamente uma questão monetária e fiscal. Lemgruber defende a permanência da flutuação livre do câmbio e apela ao bom senso do BC para não retornar às bandas largas.

O efeito da maxidesvalorização sobre a inflação, segundo os economistas, deve ser pequeno. André Loes, economista chefe do Banco Bozano, Simonsen, admite um repique inflacionário e recessão econômica durante os dois ou três primeiros meses. Loes descarta, entretanto, um repasse aos preços diante do quadro de queda das vendas.

Cláudio Contador, professor titular de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e consultor de empresas, critica o momento em que o governo mudou o regime cambial do país. "Isso devia ter sido feito há mais tempo, quando ficou evidente que a elevação absurda das taxas de juros não produziu resultado. Fazer uma desvalorização *na marra* é perigoso", destacou.

Ele estima que o efeito sobre a inflação deverá ser pequeno e absorvido facilmente. A sua estimativa é que a taxa de inflação deste ano, prevista inicialmente entre 2% e 3%, deverá situar-se em 10% ou 12%. Na sua opinião, se o governo for convincente na correção do rumo feita poderá diminuir as taxas de juros para um patamar de 15% e até mesmo 12%, caso consiga reduzir o risco Brasil. "Será um alívio enorme para a economia real, com reflexo direto sobre o capital de giro das empresas. A postura do governo, neste momento, é fundamental. Vamos rezar!", conclui Contador.